



CASA - MUSEU
Afonso Lopes Vieira

onde a terra se acaba e o mar começa

A CASA COMO PATRIMÓNIO CULTURAL
a metamorfose do *ninho de artistas*:
***a criação de um lugar literário* - CRISTINA NOBRE**

as camadas da Casa de S. Pedro (de Moel)



CASA - MUSEU
Afonso Lopes Vieira

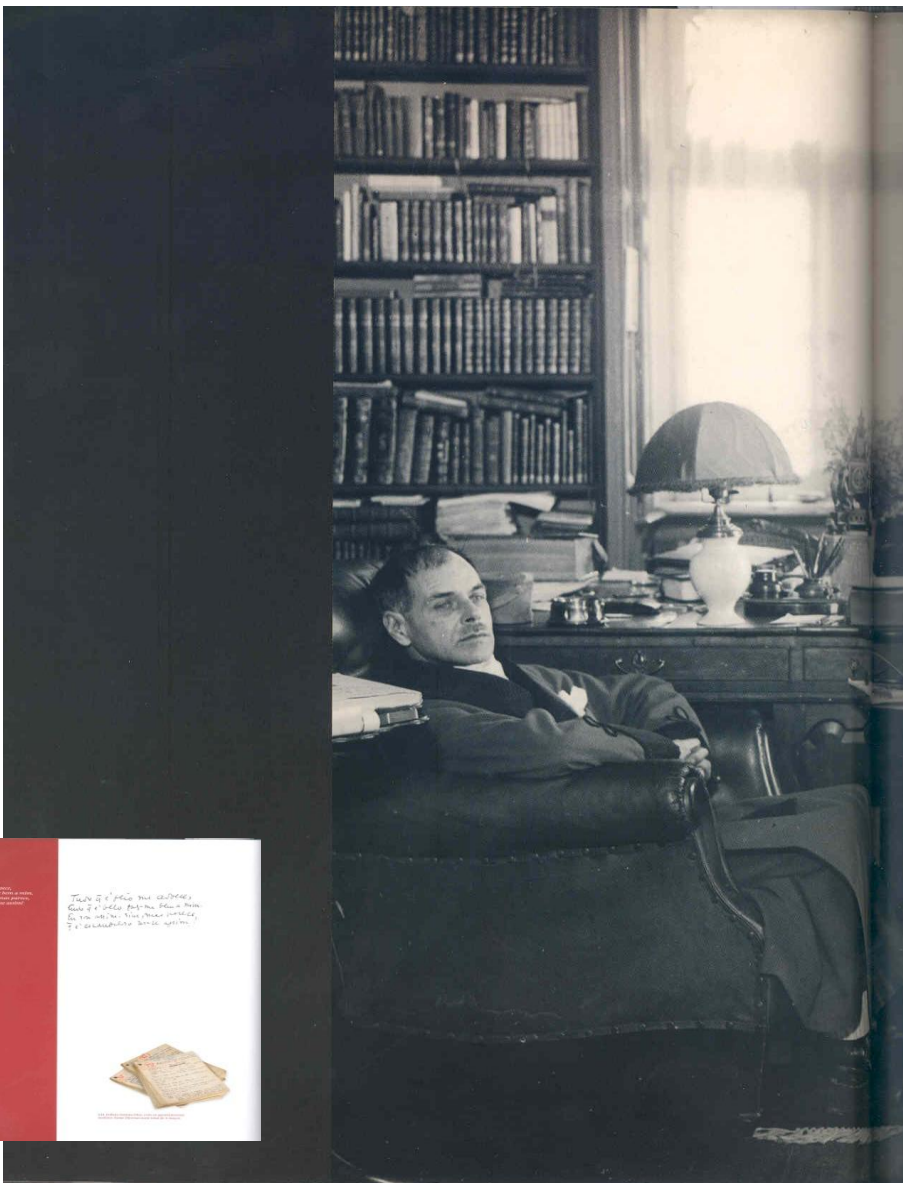
onde a terra se acaba e o mar começa

THE HOUSE AS A LITERARY SITE

The metamorphosis of the *nest of artists*:

the layers of the House in S. Pedro

- CRISTINA NOBRE

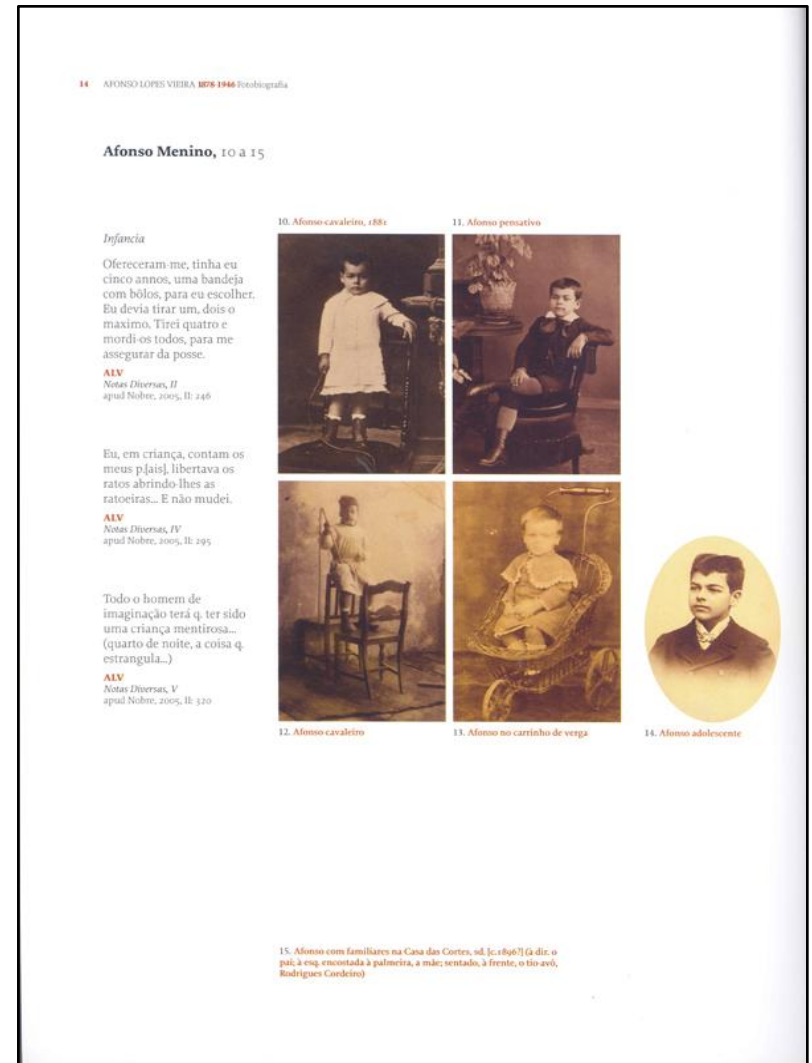
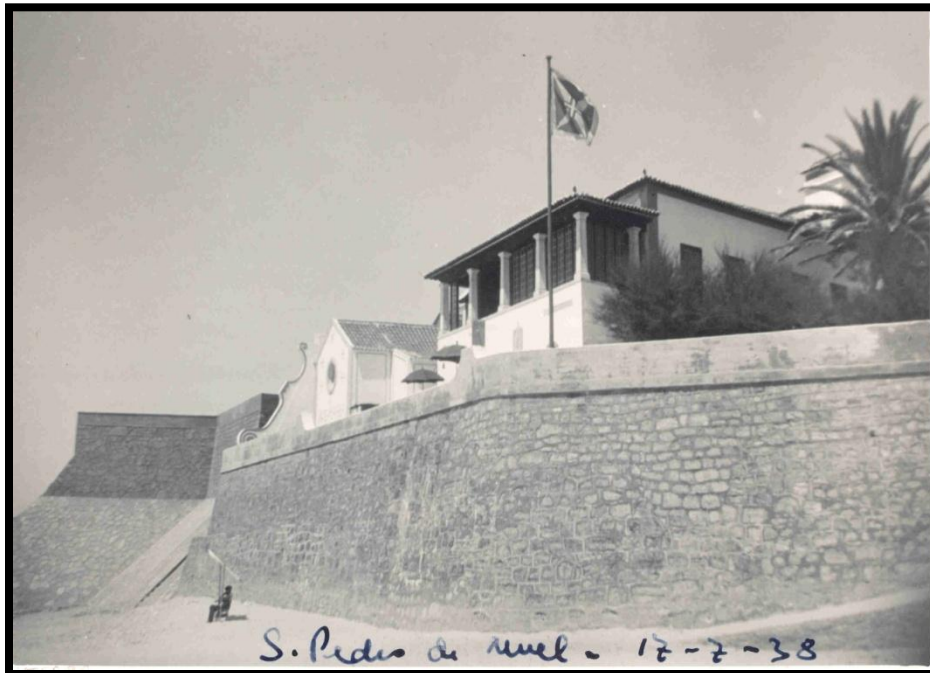


**Tudo q. é feio me adocece,
tudo q. é belo faz-me bem a mim.
Eu sou assim. Sim, mas parece,
q. é escandaloso ser-se assim!**

Afonso Lopes Vieira, *Notas Diversas* (apud Nobre 2005, II: 370)

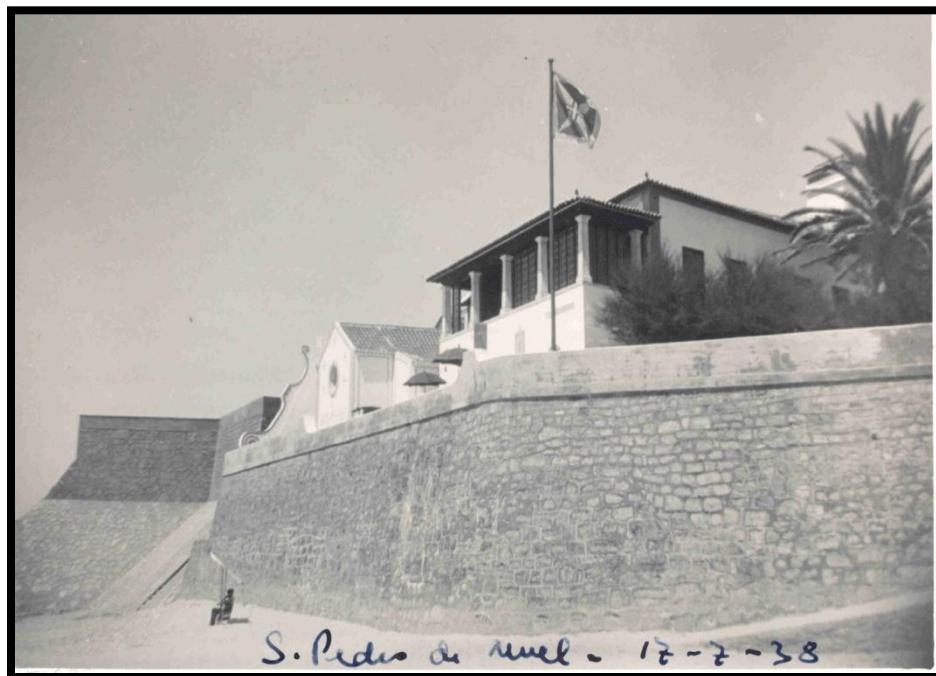
E, como ainda há pessoas que supõem que a minha casa de S. Pedro de Moel foi construída por mim, recordo que ela está há um século na posse da minha família, posse que se alienou apenas durante alguns anos.

(NDG 1942: 242)



And, as there are still people who suppose I built the house in S. Pedro de Moel, I remind that apart from a few years, it has belonged to my family for a century

(Nova demanda do Graal 1942: 242).



14 AFONSO LOPES VIEIRA 1878-1946 Fotobiografia

Afonso Menino, 10 a 15

Infância

Ofereceram-me, tinha eu cinco annos, uma bandeja com bôlos, para eu escolher. Eu devia tirar um, dois o maximo. Tirei quatro e mordi-os todos, para me assegurar da posse.

ALV
Notas Diversas, II
apud Nobre, 2005, II: 246

Eu, em criança, contam os meus p[ais], libertava os ratos abrindo-lhes as ratoeiras... E não mudei.

ALV
Notas Diversas, IV
apud Nobre, 2005, II: 295

Todo o homem de imaginação terá q. ter sido uma criança mentirosa... (quarto de noite, a coisa q. estrangula...)

ALV
Notas Diversas, V
apud Nobre, 2005, II: 120

10. Afonso cavaleiro, 1888

11. Afonso pensativo

12. Afonso cavaleiro

13. Afonso no carrinho de verga

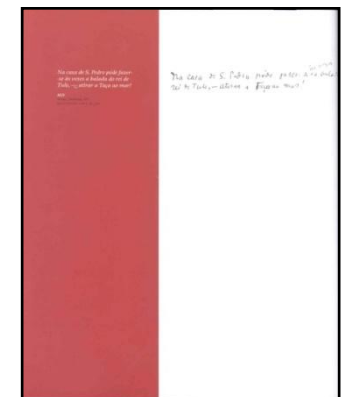
14. Afonso adolescente

15. Afonso com familiares na Casa das Cortes, sd. I, c. 1896? (À d. diz: o pai, à esq. encostada à palmeira, a mãe; sentado, à frente, o tio-avô, Rodrigues Cordeiro)

Manter vivo o património: a casa que está rezando ao mar...



A linha mestra da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com rigor e fidelidade, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que o seu proprietário, Afonso Lopes Vieira (1878-1946), habitava a casa e dispunha a orientação, a dinâmica e o enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura.



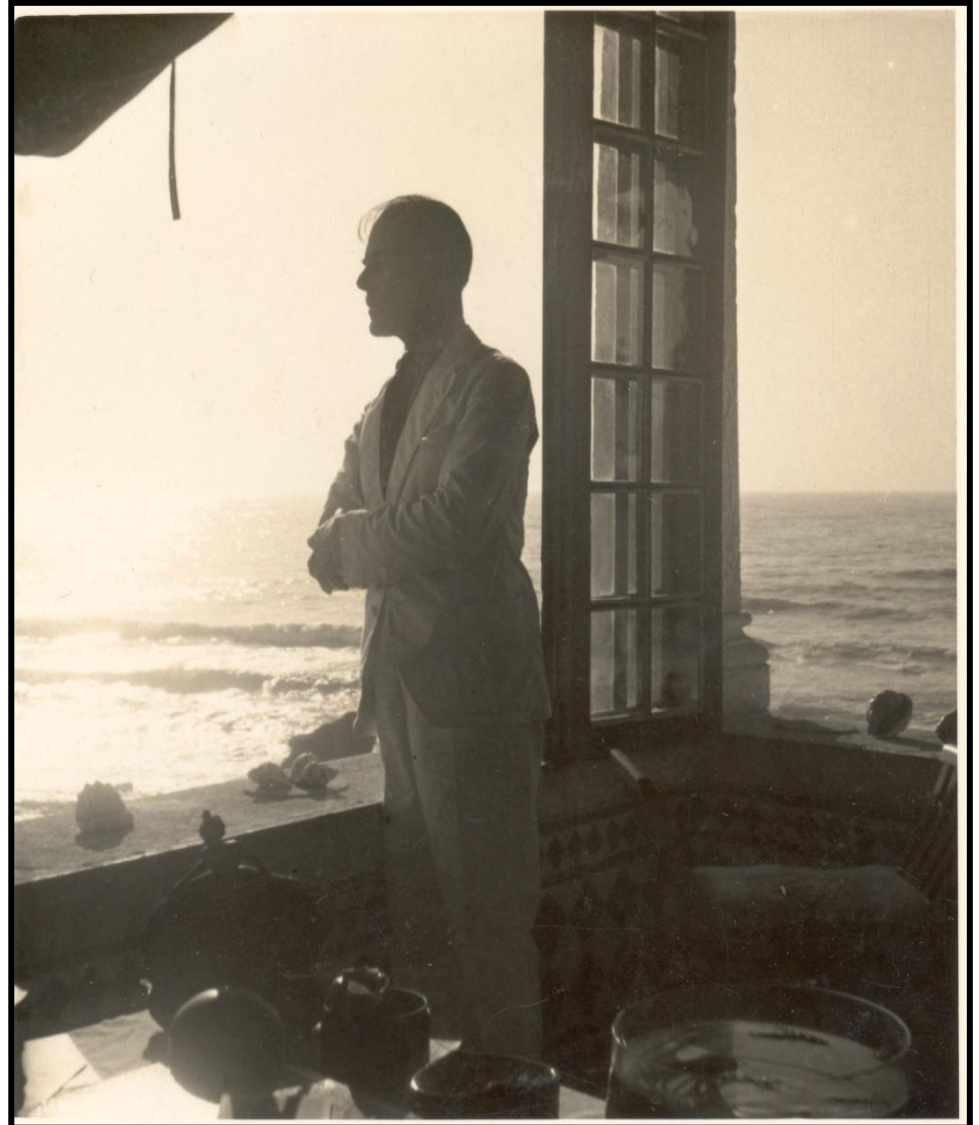
Keeping the heritage alive: the house that is praying to the sea...



The opening to the public of the Afonso Lopes Vieira House-Museum [CMALV] on 08 July 2005, was the consummation of an extremely old wish for the revalidation and appreciation of the region's cultural heritage. The guideline for the recovery of the House as a museum, in 2005, was to return it to its exact original state, that is, to the time during which the owner, Afonso Lopes Vieira (1878-1946), lived there and was responsible for the orientation, dynamics and enrichment of the space using the sensitivity he possessed as an artist and an eclectic man of culture.

O percurso biográfico e a produção literária, bem como a acção cultural de ALV, encontraram na Casa de S. Pedro o elemento material ideal para incorporar a visão estética e ética do escritor.

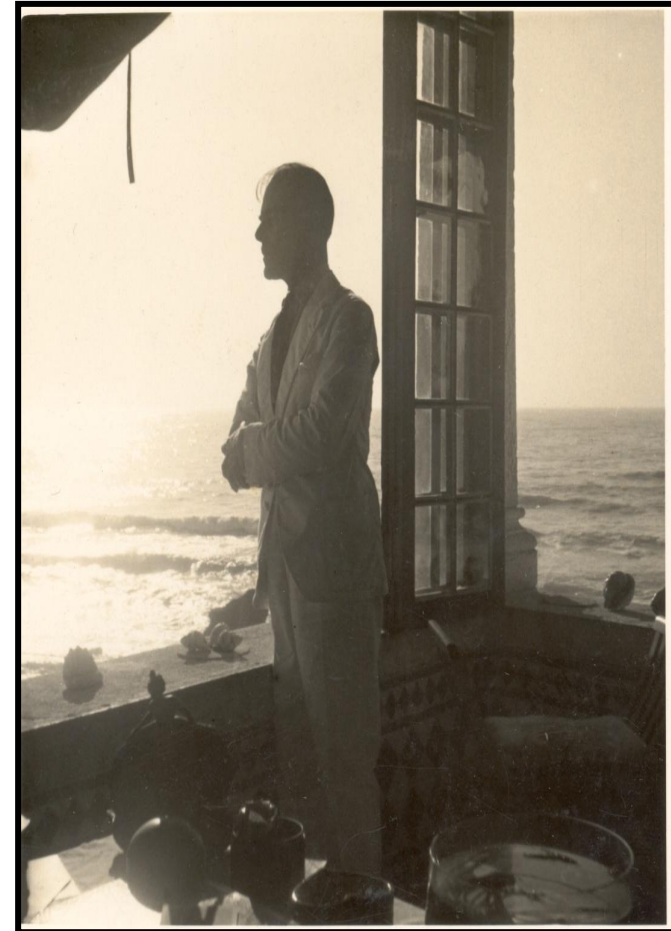
A Casa será a projecção de um edifício enquanto obra potencial, provavelmente até o espécime bibliográfico mais rico, compósito e complexo, feito de estratos diferentes e de camadas sobrepostas.



Effectively, the works of Lopes Vieira are closely associated with the beach of S. Pedro de Moel, a small community located around 10 km from Marinha Grande, a rudimentary seaside resort at the end of the 19th century when the writer's family began frequenting the place.

If, as he states at the 1940 conference, “Passeio nas Minhas terras” (*NDG* 1942: 239-276), he spent his first holidays in S. Pedro de Moel when he was just one year old, that is, since 1879, it is known that the writer never missed a summer up to 1945, although he sometimes cut short the long months from April or May to October or even November, with visits to the Cortes' house (especially during the wine harvest), short tourist trips around the country or longer trips abroad.

S. Pedro de Moel thus appears as a place of choice and cult, a place for the creation of a work of art and its intimate consecration, counterbalancing Lisbon, a stage for the public reception, divulgation and appreciation of an aesthetic that flourished in the fertile environment of his seaside home.





Enquanto habitou a Casa, o escritor fez dela um verdadeiro estaleiro de experiências estéticas, decidido a transformá-la naquilo que descrevera ao seu amigo, Artur Lobo de Campos, como um *NINHO DE ARTISTAS*

(Nobre, 2001: 21).



In the House, and above all on the balcony, Lopes Vieira dreamt, idealised, wrote, corrected, rewrote, discussed with friends, read his recently-orchestrated poems to guests for the first time, planned new cultural activities, enjoyed get-togethers, forgot about himself, and caught sight of the utopian islands of his dreams of “Portugueseness”.

I ESTRATO - 1902 / 1903?

A fotografia das obras da casa, em que a varanda, tal como a herdámos, está a ser rasgada, ao mesmo tempo que se ergue o paredão frente ao mar.



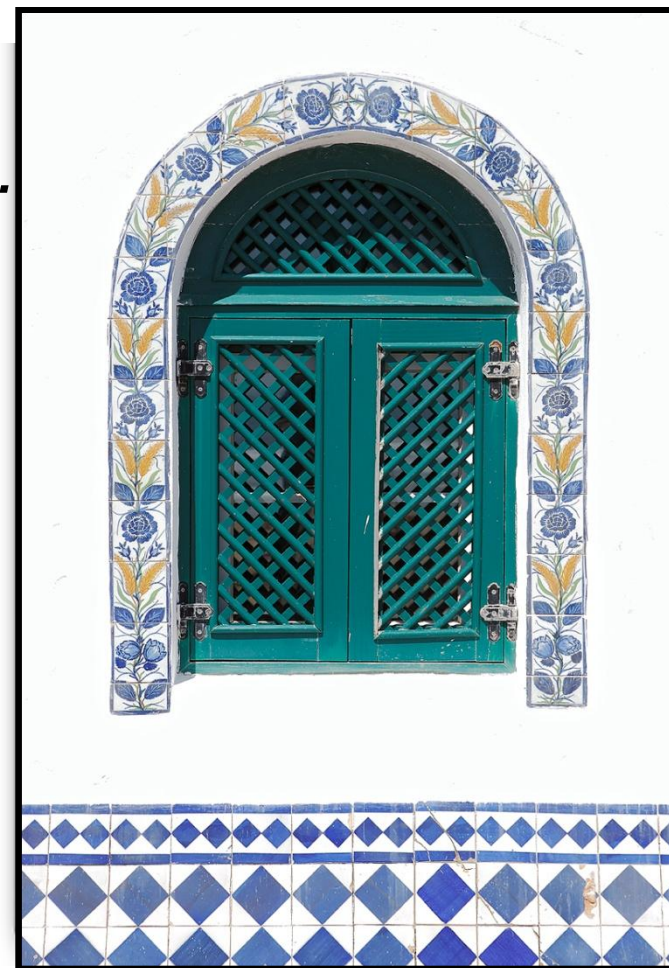
I STAGE - 1902 / 1903?

One of the first stages should correspond to the year of 1902, the year of the wedding, which corresponds to the photographs of the work done on the house, in which the balcony, as we inherited it, is being torn up, at the same time as the wall in front of the sea is being built.



II ESTRATO - 1909

1.^a camada – *a febre de renovação.*



Meu caro Artur:

[...] Quanto às ombreiras, decido o seguinte, q. é o melhor: Em vez do desenho dos *cache-pôts*, far-se-á um desenho de *rosas e espigas de trigo*, como o Zé Dias já fez para uma cercadura para um nicho, q. lhe encomendei.

Se pudessem fazer as rosas superiores como desenho, era óptimo.

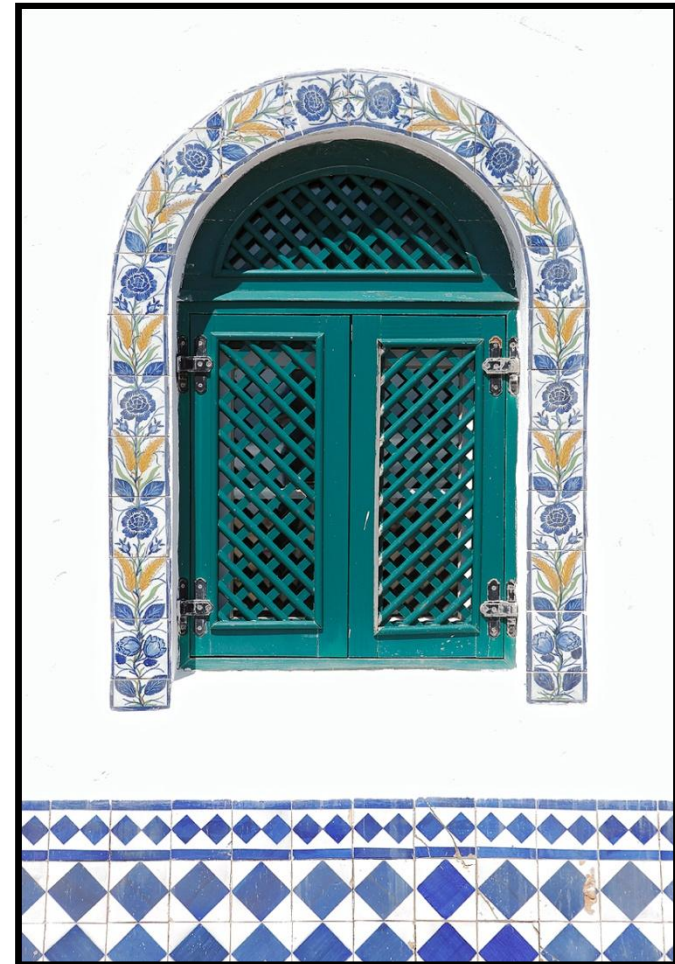
As rosas em azul, as espigas em amarelo. Fica isto pois assente, não levando as ombreiras filete nem nada dos *cache-pôts*, mas, como lhe digo, as rosas e as espigas, mas só isto, além, é claro, do traço azul à volta da ombreira.

[...]

Carta de 23 de Agosto de 1909 / Nobre, 2001: 23.

II STAGE - 1909 – the *fever of renovation*

In the summer of this year a fever of renovation led him to fit jambs on the two outside windows of the west facade (Nobre 2001: 21-23), of the panel 'Camões de coroa de espinhos', on the same facade (Nobre 1999: 300), and, due to the relationship with the same tile factory, Arcolena, in Coimbra, most probably the record of Our Lady of the Mount on the inside southern wall of the bedroom. Lopes Vieira recorded his devotion to the master writer of the Portuguese language, making him the patron saint of the house, as well as the almost superstitious devotion to the Saint who was godmother at his baptism in the far-off year of 1878, and who accompanied him throughout his life and laid him to rest in Prazeres cemetery in Lisbon, which holds the writer's mortal remains (Nobre 2003: 93-95).



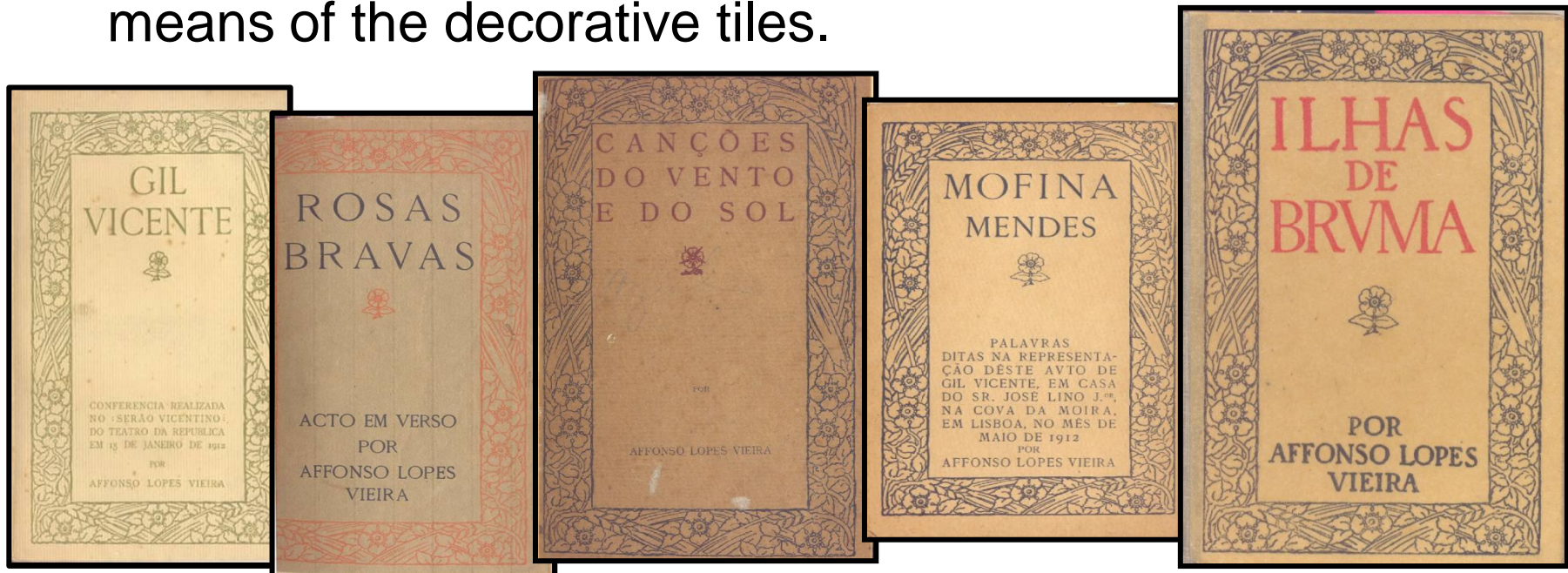
ALV, na sua estadia em S. Pedro de Moel, socorreu-se dos préstimos do seu amigo ARTUR LOBO DE CAMPOS (1884-1949), a viver em Lisboa. ALV estava interessado em transformar a casa num *ninho de artistas*, concebendo uma cercadura para as janelas do exterior, com pinturas de *cache-pôts* (**14 de Agosto de 1909**). Depois (**23 de Agosto de 1909**) evolui para um desenho com **rosas e espigas de trigo**, numa clara alusão ao seu livro de poesia de 1908 **O Pão e as Rosas** e à fase **franciscanista** da sua obra. Aliás, tanto esse livro como **Rosas Bravas**, de 1911, em edição de autor, assim como as obras para a infância da mesma data, apresentam no frontispício **uma cercadura de rosas e espigas de trigo** semelhante às destes azulejos.

José Dias foi o artesão da cercadura, como de outras peças encomendadas por ALV para a Casa.

Tiago seria o operário que aplicaria as cercaduras, na alvenaria das janelas.

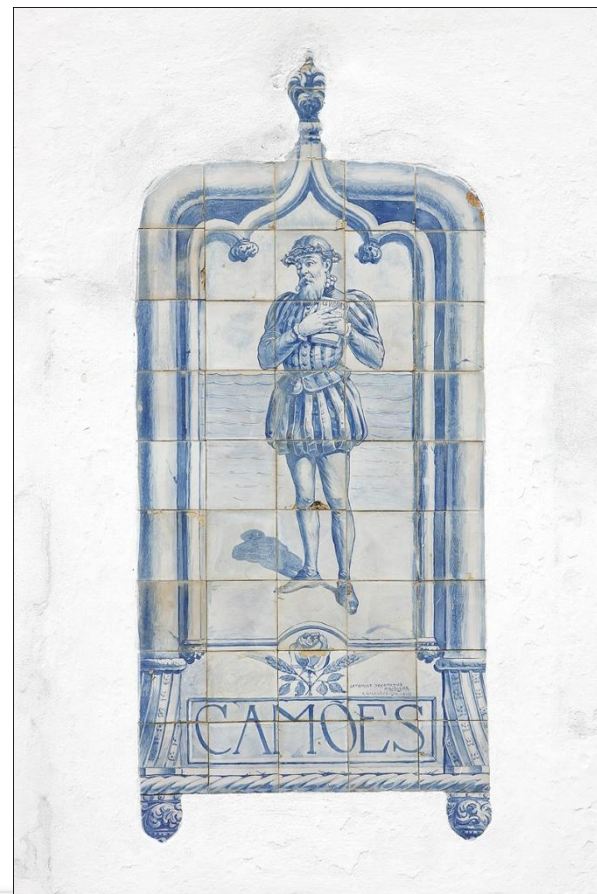


The window frames are closely linked to the work produced at the time, mixing the themes of roses and wheat ears in a clear allusion to the book *O Pão e as Rosas* (1908) and wholly inspired by the frontispieces of his works of the same time, such as *Rosas Bravas* (1911). This stage should be read as the first phase of the transformation of the House into a *literary site*, by means of the decorative tiles.



**Não são os louros gregos que coroam
Camões, da casa o santo protector;
São os cruéis espinhos que magoam
quem canta em Portugal com fé e amor!**

Excerto do Postal a Augusto Rosa, com carimbo de 5 de Setembro de 1913,
BMLALV, A104, nº. 32605 in Nobre, 1999: 300.



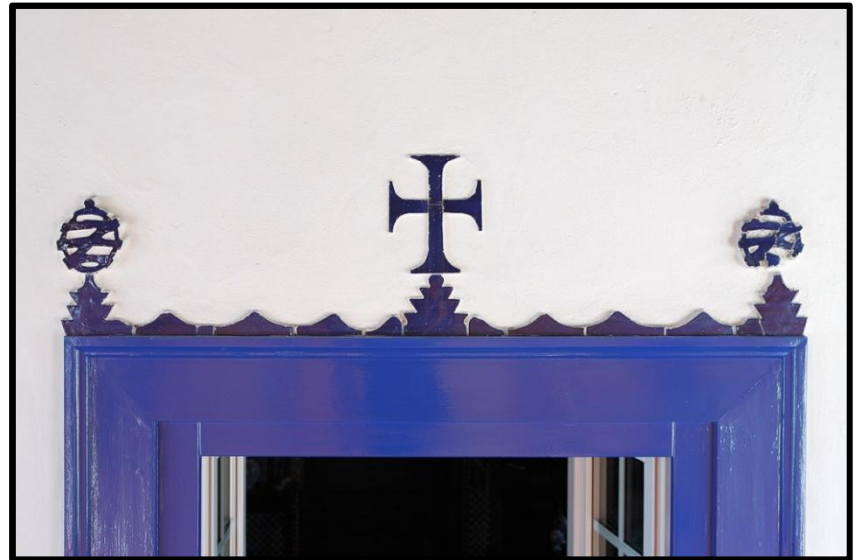
III ESTRATO - 1916 ao *estilo sebastianista*

[...] aqui anda tudo revolvido com as obras de reparação da nau [...] A casa teve de presente este ano um painel de azulejos — a Nau Catrineta, com dois versos de romance — e duas sobrepostas também de azulejo, que enriquecem a varanda, reforçando-lhe o estilo sebastianista. [...]



[...] P. S. Os versos do azulejo da Nau Catrineta são com efeito estes — A minha alma é só de Deus — e o corpo da água do mar. Está numa parede voltada para o mar e fica bem assim. As sobrepostas da varanda tem ao centro a Cruz de Cristo e aos lados as esferas. Ficou engraçado e dá uma bonita nota de cor. [...]

Excertos de Carta a Leonor Rosa, 16 de Junho de 1916, BMLALV, A118, n.º. 33601 in Nobre, 1999: 300-1.



III STAGE - 1916 – a *Sebastianist style*

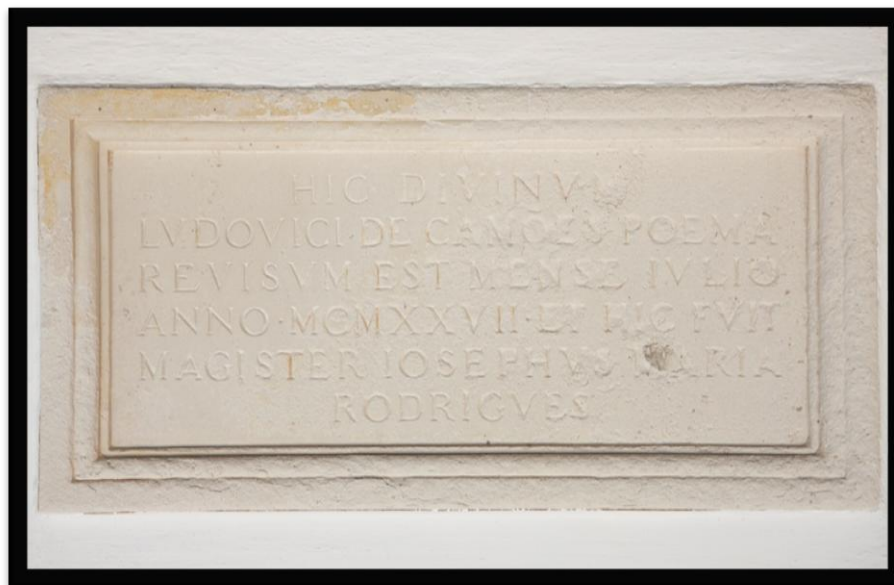
This consisted of the addition of the ‘Nau Catrineta’ tile panel on the outdoor west facade under the balcony, and the overlays with the armillary spheres on the two inside balcony doors, in a *Sebastianist style* (Nobre 1999: 300-301).

Aquilino Ribeiro established the connection between the maritime emblems of the armillary sphere and the cross of Christ with the Convent of the Order of Christ in Tomar (Ribeiro, 1949: 292) and it is highly probable that the Palace of Sintra, home to the only examples of armillary spheres on tile (Pereira, 1991: 20), served as the model for the writer.



**IV ESTRATO - 1925-27 - uma *nau no estaleiro*,
sempre sujeita a novos arranjos, fixando da forma mais
definitiva – através da inscrição na pedra:
a memória sobre a obra produzida.**

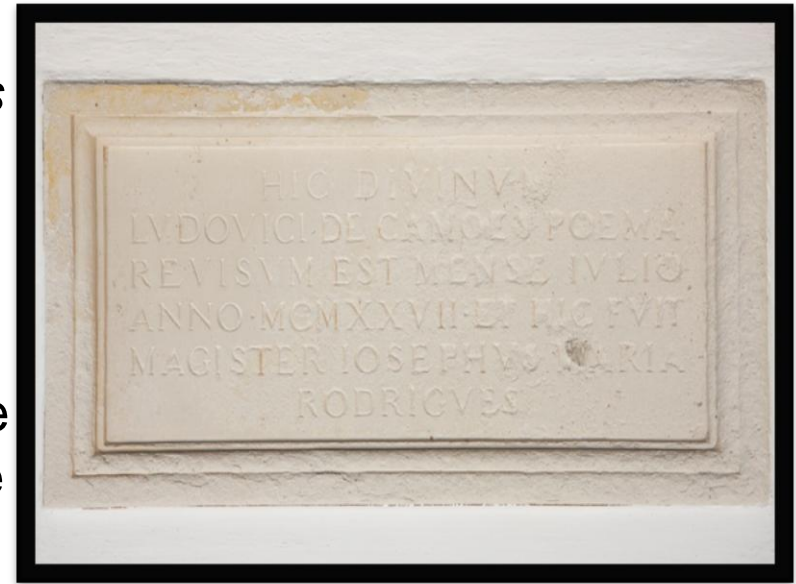
Casa Catrineta,
desprende-te enfim do chão,
entra-me pelo mar
e lá ao largo vai naufragar
para ir ao fundo com o meu coração!
Oh! não poder arrancar-te do chão!
E, gageiro, embarcar
em ti, meter-te ao mar
para ir naufragar,
para ir ao fundo com o meu coração!...



(OTAMC 1940: 86)

IV STAGE - 1925-27 - a *ship in the repair yard*...

The fourth phase is from 1925-27 and includes the placing of stones with the inscription of the works *Amadis* and *Diana* and the commemoration of the visit of José Maria Rodrigues to the House to take part in the *labor camoniano* of the national edition of *Os Lusíadas*, by Luís de Camões, 1928. The House lived on, like a *ship in the repair yard*, always subject to renovations (Nobre, 2005b: 195-6), recording in the most definitive possible way – by means of inscriptions in stone – the memory of the published works.



V ESTRATO - 1929

com ele ergue-se de raiz um novo edifício adjacente à Casa:
a **Capela** dedicada a **N.^a Sr.^a de Fátima**



Planificou uma festa de inauguração que juntou as obrigações religiosas e as artísticas com os amigos e a população local.

O evento ficou registado para a posteridade num documentário filmado que sobreviveu até nós, como um dos primeiros testemunhos da casa como lugar de peregrinações literárias.



V STAGE - 1929

a brand-new building arise next to the House:
the **CHAPEL** dedicated to our **Lady of Fatima**



This phase is more interesting and representative of a symbiosis of maritime and religious themes, but all interpreted as emblems of an idea of nationality under construction. If the three shepherd children and Our Lady of Fatima correspond to a stage of religious affirmation, later adopted under the ideology of the Estado Novo, this religious symbology was used here to the same effect as the seashells or the door overlay with the cross of Christ. Themes of the most genuine aspects of Portuguese *ethos*.



VI ESTRATO - 1935

“[...] P.S. A casa tem agora um verso de Camões incrustado frente ao Mar. Verás como tudo está melhorado.

Adoro isto. A.”

Postal de 8 de Setembro de 1935

Nobre, 2001: 76

[...]

Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...

Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,
novas da minha pátria, além, além!...

(OTAMC 1940: 11)

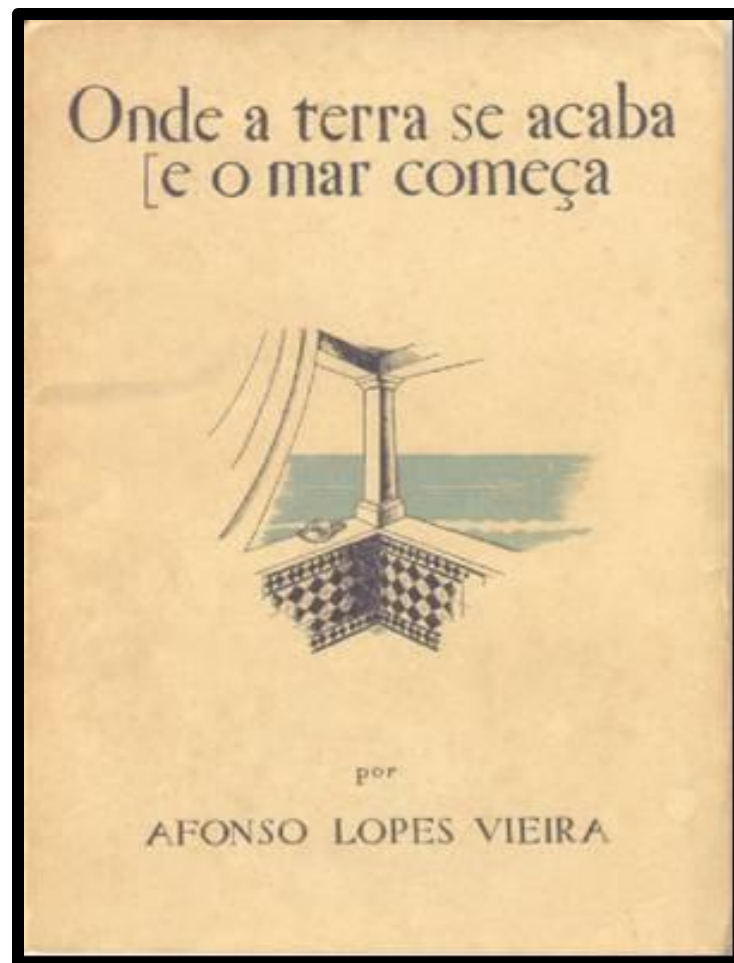


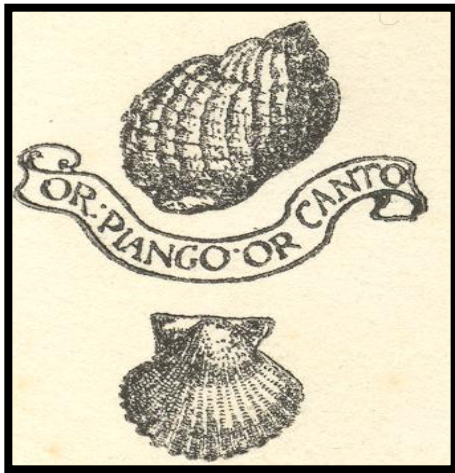
VI STAGE - 1935



The sixth phase is 1935 and includes the placing of the stone with the inscription quoting Camões, *Onde a terra se acaba e o mar começa*.

This stone was a foresight of the title of Lopes Vieira's last work of poetry, materialising the embryo of his creativity in the House.





Afonso somus Vieira

